

DOS REFLEXOS HISTÓRICOS E CONTEMPORÂNEOS DA CULTURA DO MEDO NA SEGREGAÇÃO ESPACIAL: A FORMAÇÃO DE MURALHAS URBANAS.

Amany Maria de Karla Rovani dos Santos¹

Rafael Júnior Soares²

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo apresentar de modo sucinto o tema “Cultura do medo e segregação espacial”, a partir dele ater-se a etimologia, definição da palavra e ao contexto histórico de Cultura do Medo na formação da segregação espacial. Visando demonstrar os reflexos negativos dessa cultura em toda a história da humanidade em que fora utilizada como mecanismo de poder (dominação dos povos), atualmente como método de dominação e de controle por parte do capitalismo, sem qualquer preocupação quanto à promoção da cidadania, democracia e solidariedade. Destaca-se que a ideologia perpetrada pelo medo social está intrinsicamente ligada à mídia sensacionalista que a expande, criando uma confusão entre o real e o irreal. Os seres humanos envolvidos nesse contexto de cultura do medo e mídia, inseridos no show de horrores divulgados por esta, são atraídos pelas ofertas capitalistas (consumo exacerbado de tecnologias) para amenizar a sensação de insegurança; no entanto, o resultado é o ostracismo social quando apresentados a ameaças e perigos criados por esse sistema. Dessa forma, os medos estão sempre atrelados à perda das benesses materiais e não ao medo propriamente dito. Com a referida pesquisa bibliográfica, instiga-se melhor compreensão deste tema, a qual é relevante para a sociedade, no estudo da formação e determinação/desenvolvimento do futuro dos indivíduos que a compõem e no exercício pleno da cidadania, e por meio desta, evitar o controle, a dominação e o estado de apatia realizado e formado contemporaneamente pela cultura do medo e mídia capitalista.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura do medo; segregação espacial; muralhas; esvaziamento; capitalismo.

ABSTRACT: This paper aims to present succinctly the theme " Culture of fear and spatial segregation " from it to stick to the etymology , definition of the word and the historical context of Culture of Fear in the formation of spatial segregation . Aiming to demonstrate the negative impacts that culture throughout the history of mankind in which it was used as a mechanism of power (domination of the peoples) , currently as a method of domination and control by the capitalist without any concern as to the promotion of citizenship , democracy and solidarity. It is noteworthy that the ideology perpetrated by social fear is intrinsically linked to the sensationalist media that expands , creating confusion between the real and the unreal . Humans involved in this context of the culture of fear and media inserted into the freak show disclosed by it, are attracted by the capitalist offers (excessive consumption of technology) to assuage the feeling of insecurity ; however , the result is social ostracism when

¹ Acadêmica do 10º Semestre do curso de Direito da Facnopar (Faculdade do Norte Novo de Apucarana) – 2013. E-mail: amanyrovani@hotmail.com

² Mestrando em Direito Penal pela Universidade de São Paulo, em 2011. Especialista em Direito Penal Econômico pelo Instituto de Direito Penal Econômico e Europeu - Coimbra e IBCCRIM, em 2010. Especialista em Direito Penal e Criminologia, pela Universidade Federal do Paraná, em 2008.
Orientador.

presented with threats and dangers created by this system . Thus , the fears are always linked to the loss of material and not to fear spoils itself. With that literature , instigates better understanding of this subject , which is relevant to society , the study of the formation and determination / development of the future of the individuals that compose it and the full exercise of citizenship , and hereby avoid control , domination and state of apathy and performed contemporaneously formed by the culture of fear and capitalist media.

KEYWORDS: Culture of fear ; spatial segregation ; walls ; emptying; capitalism.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho será abordada de forma contextualizada a etimologia e definição das palavras cultura e/de medo, sem o intuito de se esgotar a temática em questão, intertextualizando-a com a influência implícita e explícita da mídia e sua respectiva influência no âmbito político e social.

Procurar-se-á evidenciar que a divulgação da cultura do medo, das notícias sensacionalistas e espetaculares, as quais incitam a ideia de que as coisas estão fora do controle, como esse medo é um subterfúgio social e ao mesmo tempo instrumento de poder.

Demonstrar-se-á no primeiro capítulo a relação conceitual entre cultura do medo e a sua expansão por meio da mídia sensacionalista, a consequente segregação espacial e esvaziamento dos espaços públicos, bem como, da cidadania.

Por conseguinte, tratar-se-á a evolução da cultura do medo e o seu contexto histórico-atual de segregação, o qual demonstrará que o medo sempre existiu e se mostrou como instrumento de dominação e poder; por fim, serão estudadas as consequências determinantes do medo social.

Com isto, procurar-se-á melhor compreensão deste tema, o qual apresentará a sua relevância para a sociedade, na formação, sociabilização e futuro dos indivíduos que a compõem, principalmente para identificar esse fator que desvirtua a concepção de cidadania plena e democracia.

1 DO CONCEITO DE CULTURA DO MEDO E SUA EXPANSÃO PELA MÍDIA: A CONSEQUENTE SEGREGAÇÃO ESPACIAL

Visando compreender a complexidade dos reflexos da cultura do medo na criação de verdadeiras muralhas urbanas, mostra-se fundamental a análise

pormenorizada do significado e da etimologia das palavras cultura e medo, com a finalidade de formar a concepção final do termo cultura do medo.

Importante pontuar para fins desse estudo, referente à análise da cultura do medo, que o referido tema é intrinsecamente ligado à imprensa e não há como ignorá-la, pois esta cria e sustenta o pânico social, mas também pode realizar mudanças positivas na sociedade³.

Cumprido destacar que, a mídia exerce poderosa influência na sociedade por meio do poder da convicção, mostrando casos atroz, terríveis até mesmo de serem imaginados, e como resposta a eles, clama por um direito penal mais severo e radical nas suas punições. A concorrência pelos níveis de audiência, por venda de seus produtos, transformou a imprensa ao longo do tempo em um verdadeiro show de horrores, por mais que as pessoas possam repugná-los ainda acabam por assisti-lo.⁴

Por meio desse espetáculo divulgado por essa mídia, conseqüentemente haverá uma corrida econômica e tecnológica para adquirir produtos (parafernálias) que amenizem essa sensação de insegurança; gerando exclusão do outro e segregação dos incluídos quando se sentem ameaçados pelos perigos criados pelo sistema capitalista.

Essa influência é notada pela quantidade de horas que, por exemplo, o brasileiro passa exposto à televisão, em torno de cinco horas e meia por dia⁵, bem como, na internet, rádio e outros meio de comunicação, recebendo todo tipo de informação do show de horrores que faz surgir um estado de insegurança e medo social.

A palavra cultura origina-se do latim *cultura*⁶, que significa:

Acervo intelectual e espiritual [...]. – 2. Cultura (geral), conjunto de conhecimentos que enriquecem o espírito, apuram o gosto e o espírito crítico: ter grande cultura. – 3. Conhecimentos em um domínio particular: [...]. – 4. Conjunto de fenômenos materiais e ideológicos que caracterizam um grupo étnico ou uma nação, uma civilização, em oposição a um outro

³ GLASSNER, Barry. Introdução: por que tememos cada vez mais o que deveríamos temer cada vez menos. In: _____. **Cultura do Medo**. São Paulo: Francis, 2003. p. 33.

⁴ GRECO, Rogério. Abolicionismo, direito penal do inimigo e movimento lei e ordem. In: _____. **Direito penal do equilíbrio**. 4. ed., rev., ampl., atual. Rio de Janeiro: Impetus, 2009. p. 03.

⁵ Cf. R7. **Brasileiro já assiste TV durante 5 horas e meia por dia, diz ibope**. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/blogs/daniel-castro/brasileiro-ja-assiste-tv-durante-5-horas-e-meia-por-dia-diz-ibope/2012/01/23/>>. Acesso em: 17 jan. 2013. p. 01-03.

⁶ GRANDE ENCICLOPÉDIA LAUROUSSE CULTURAL. **Cultura**. Volume 34. São Paulo: Universo LTDA., 1988. p. 952. Verbete.

grupo ou uma outra nação: a cultura ocidental, a cultura helenística. – 5. Num grupo social, conjunto de sinais característicos do comportamento de uma camada social (linguagem, gestos, vestimenta, etc.) que a diferenciam de outra: [...].⁷

A partir do conceito de cultura, conclui-se que ela “é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto tem visões desencontradas das coisas.”⁸ Esse modo de ver o mundo, as apreciações valorativas e de ordem moral, os diferentes comportamentos sociais e posturas corporais são frutos de uma herança cultural, resultado de uma cultura.⁹

A cultura se mostra dinâmica, ou seja, está em constante mudança; entendê-la é atenuar os impactos entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos, no entanto, é fundamental para o aprimoramento entre os povos, a compreensão das diferenças dentro do mesmo sistema.¹⁰

O medo, nesse estudo, é entendido como forma de exteriorização cultural, observando as transformações que ele desencadeia, por exemplo: mudança no comportamento da pessoa em casa e na rua; maior cuidado com os bens, inclusive a contratação de seguros; a produção e o consumo de artigos de segurança privada; a desconfiança generalizada entre os indivíduos, etc.¹¹

A cultura nesse âmbito é compreendida como a expressão:

[...] das necessidades historicamente condicionadas de um grupo social e de seus indivíduos, e como referência à totalidade de características de uma sociedade. Vale ressaltar que a cultura não pode ser concebida como estática e imutável, ao contrário, mostra-se como uma expressão dinâmica das ações e interpretações do grupo social. Nesse sentido a cultura é traduzida como reflexo das mudanças nas relações sociais, desde a esfera da produção econômica até a esfera do imaginário individual e coletivo e das representações de ordem.¹²

Enquanto o medo é objeto de estudo da Psicologia e da Sociologia, devido às repercussões sociais desse fenômeno; contanto, a sua evolução vem

⁷ GRANDE ENCICLOPÉDIA LAUROUSSE CULTURAL, *loc. cit.*

⁸ LARAIA, Roque de Barros. Como opera a cultura. In: _____. **Cultura**: um conceito antropológico. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. p. 70.

⁹ LARAIA, *op. cit.*, p. 70.

¹⁰ *Ibidem*, p. 105.

¹¹ PASTANA, Débora Regina. Cultura do medo e democracia: um paradoxo brasileiro. In: _____. **Cultura do medo**: reflexões sobre violência criminal, controle social e cidadania no Brasil. São Paulo: Método, 2003. p. 91.

¹² PASTANA, *loc. cit.*

perdendo o caráter meramente social, tornando-se cada vez mais uma característica espacial por expressar transformações nas estruturas urbanas, deixando-as a imagem e semelhança da insegurança existente.¹³

O substantivo masculino medo permite uma pluralidade de abordagens, mas no aspecto semântico, origina-se do latim *metus*¹⁴, entendido como: “Sentimento de inquietação, de apreensão em face de um perigo real ou imaginário. – 2. Apreensão, receio, temor, sobressalto [...]”¹⁵

A cultura do medo pode ser conceituada como:

[...] retrato desta forma hegemônica de pensar sobre a criminalidade e a segurança pública atuais. [...] é a somatória dos valores, comportamentos e do senso comum associada à questão da violência criminal que reproduzem a ideia hegemônica de insegurança e, com isso, perpetuam uma forma de dominação autoritária que só subsiste com a degradação da sociabilidade e o enfraquecimento da democracia.¹⁶

Da mesma forma, a cultura do medo pode configurar o desejo pela segurança, identificada como ordem, suscitando o pavor quanto a tudo que pareça capaz de destruí-la inteiramente.¹⁷

Essa forma hegemônica de reflexão cerceada é realizada com interesses escusos de empresas capitalistas que procuram fomentar os medos e expandi-los para que haja a obtenção de lucros, ocasionando o esvaziamento dos espaços públicos (praças, parques municipais, etc.), pois tudo sob a ótica capitalista oferece risco à integridade física e psíquica do ser humano, passa a mensagem que a melhor forma de proteção é por meio da segregação espacial, visando amenizar os perigos reais e irreais; porém, resultam no enfraquecimento e esvaziamento da cidadania e do Estado Democrático de Direito.

Destaca-se que os termos cultura do medo e medo social podem ser atribuídos em determinado contexto como sinônimos¹⁸, assim:

¹³ SANTOS JUNIOR, Lourival Luiz dos. **A decadência do espaço urbano: o medo, a segurança eletrônica e seus reflexos sócio-espaciais.** Disponível em: <<http://xiisimpurb2011.com.br/app/web/arq/trabalhos/7602e8a48f9f40c8cc5772c87860cc43.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2013. p. 04.

¹⁴ GRANDE ENCICLOPÉDIA LAUROUSSE CULTURAL. **Medo.** Volume 77. São Paulo: Universo LTDA., 1988. p. 2156. Verbetes.

¹⁵ GRANDE ENCICLOPÉDIA LAUROUSSE CULTURAL, *op. cit.*, p. 2156.

¹⁶ PASTANA, *op. cit.*, p. 94-96.

¹⁷ CHAUI *apud* PASTANA, *op. cit.*, p. 95.

¹⁸ MELO, Eunice Maria das Dôres Vaz de. Reflexões sobre a cultura do medo: um retrato do desenvolvimento da violência urbana na atualidade. **Revista Tecer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 74, dez. 2008.

O medo social é um medo construído socialmente, com o fim último de submeter pessoas e coletividades inteiras e interesses próprios ou de grupos, e tem sua gênese na própria dinâmica da sociedade. Medo produzido e constituído em determinados contextos sociais e individuais, por determinados grupos ou pessoas, com vistas a atingir determinados grupos ou pessoas, com vistas a atingir determinados objetivos de subjugar, dominar e controlar o outro, e grupos através da intimidação e coerção.¹⁹

Observa-se em toda a história da humanidade que, o medo tem sido utilizado como instrumento de manipulação ideológica das pessoas, tornando-as servas e dominadas por determinados grupos, indivíduos e situações; ou seja, umas reféns de outras.²⁰

O conceito de cultura do medo é importante para que haja compreensão dessa reação interna e externa no indivíduo e na sociedade, a fim de explicar que por meio desta, como ocorre à exclusão e a segregação espacial. A situação agrava-se pela influência da mídia sensacionalista que expande tal cultura e promove o capitalismo, por meio da comercialização do medo e consequente alienação social e intelectual, fazendo com que os indivíduos se tornem submissos, dogmatizados, estagnados, acomodados, levando-os a um estado de apatia e conformidade com o contexto sociopolítico.

2 DA EVOLUÇÃO DA CULTURA DO MEDO E O SEU CONTEXTO HISTÓRICO-ATUAL DE SEGREGAÇÃO

Após análise superficial do conceito de cultura do medo e suas consequências, verifica-se que o medo apenas se aperfeiçoou (e modificou) no tempo e se perpetua atualmente.

¹⁹ BAIERL *apud* KOGUT, César Vinicius; SILVA, Wânia Rezende. Mídia e seus efeitos sobre o medo social. In: PEIXE, Blênio César Severo, HILGEMBERG, Cleise M. de A. Tupich; MELATTI, Gerson Antonio *et. al.* **Gestão de políticas públicas no Paraná: coletânea de estudos. Volume 1.** Curitiba: Editora Progressiva, 2008. p. 277. Disponível em: <<http://www.escoladegoverno.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=493>>. Acesso em: 18 mar. 2013.

²⁰ COUTO, Cyro Augusto Pachicoski. Cultura do medo. In: _____. **Do crime ao caos: a comunicação a serviço do medo.** São Paulo: Cia dos Livros, 2011. p. 39.

Esse temor não mudou no decorrer da história da humanidade, apenas aprimorou-se com a sociedade e adquiriu nova aparência,²¹ conforme mostrar-se-á a seguir.

O medo é um tema em voga que está presente no cotidiano e marca paulatinamente a vida coletiva e individual, levando a modificações nos comportamentos sociais e nos hábitos mentais.²²

A discussão sobre o medo permite abordagens muito distintas e multiplicidade conceitual²³; porém, utilizar-se-á o caráter elucidativo a outros conceitos acerca do medo, que segundo Delumeau é:

[...] **uma emoção básica**, como um componente básico da experiência humana. Em um sentido estrito do termo, o medo é concebido como uma emoção-choque devido à percepção de perigo presente e urgente que ameaça a preservação daquele indivíduo. Provoca, então, uma série de efeitos no organismo que o tornam apto a uma reação de defesa como a fuga, por exemplo. [...].

Constata-se, portanto, que o medo é uma emoção básica, não só no sujeito, mas em diferentes formas de vida, aproximando-se de uma reação biológica comum. [...] enquanto nos seres humanos os medos são múltiplos por serem fruto da sua imaginação e, portanto, passíveis de descrições históricas porque sofrem variações [...].²⁴ (Grifo da autora).

Conseqüentemente, por se tratar de um sentimento, uma emoção; os efeitos e as reações que o medo causa são diversificados. Inclusive, intervêm nisso a singularidade de cada indivíduo, sua história, seu repertório, suas experiências e os contextos individuais em que ele é desencadeado. Enfim, o medo é inerente à cultura, como também a violência, que só existe em relação à lei. Há ainda de se mencionar que o medo da morte representa a fonte de todos os medos.²⁵

Importante pontuar também que o medo se modificará de acordo com a cultura e época que atravessa, transformando-se em novos riscos sociais,

²¹ BRAGA, Pedro. A sociedade do risco e o direito penal. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, v. 42, n. 168, p. 155-166 *passim*, out. – dez. 2005. Disponível em: <<https://bvc.cgu.gov.br/handle/123456789/3226>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

²² SANTOS, Luciana Oliveira dos. O medo contemporâneo: abordando suas diferentes dimensões. **Psicologia, ciência e profissão**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 48, jun. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932003000200008&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 mar. 2013.

²³ SANTOS, *op. cit.*, p. 49.

²⁴ DELUMEAU *apud Ibidem*, p. 48-49.

²⁵ COUTO, *op. cit.*, p. 23.

como exemplo, nos Estados Unidos há medo ante o terrorismo²⁶; enquanto no Brasil isso não é fator de perigo, mas é a criminalidade.

Afirma Cyro Augusto Pachicoski Couto que a “cultura molda o indivíduo por meio da assimilação normativa de atitudes, costumes, e valores; onde o medo torna-se parte integrante desse contexto.”²⁷

Nesse sentido, o medo não é só uma reação emocional, contendo crenças por trás. **O medo não implica, portanto, uma natureza única e imutável. Trata-se de um sentimento construído historicamente, aprendido e ensinado de formas diferentes, dependendo da época.** Existe uma série de emoções que reconhecemos como de medo, e, por um acordo público na língua, há alguns comportamentos que concebemos como de medo. O medo, aqui, é abordado como algo conhecido, pois todos reconhecem o sentimento ou a sensação de medo, ninguém tem dúvida de que sente medo. Pode ser uma reação de fuga, reação de retração, reação de negação, reação de precaução, reação de inibição. Tais reações fazem parte de outros complexos emocionais, mas dotadas de diferentes configurações. A caracterização de medo não é simples e nesse viés, seria diferente de outras emoções parecidas, de terror, de susto, de pavor. É uma tentativa de pensar a emoção a partir desse olhar que não pode descartar ou minimizar a importância do aspecto social.²⁸ (Grifo da autora).

Relata Débora Regina Pastana, que não há como precisar uma data para o início da cultura do medo²⁹; mas, a fim de ilustrar e trazer melhor compreensão do tema abordado, ainda que resumidamente, traçar um histórico do medo é necessário.

A presença do medo pode ser identificada na Grécia Antiga, onde se encontrava a personificação de paixões, como o medo em deuses. Os antigos acreditavam que o medo era uma punição dos deuses e para se desvencilhar desse aprisionamento realizavam oferendas apropriadas, visando que o medo não tomasse conta de seus espíritos e almas; dessa forma, desempenhavam importante função no inconsciente individual e no coletivo.³⁰

O medo passou por um processo de internalização, mudando de tempo e civilização; na Idade Média, o cristianismo é relevante nesse processo de internalização do medo; sendo que a Igreja contribuiu nesse sentido apresentando o medo do demônio, do pecado e do inferno. O indivíduo passou a temer a si mesmo,

²⁶ *Ibidem*, p. 23-54 *passim*.

²⁷ *Ibidem*, p. 25.

²⁸ COUTO, *op. cit.*, p. 50.

²⁹ PASTANA, Débora Regina. **Re: Materiais para pesquisa - aluna do 9º semestre de direito da faculdade do norte novo de Apucarana/PR.** [mensagem pessoal] Mensagem recebida por amanyrovani@hotmail.com. em 11 mar. 2013.

³⁰ SANTOS, *op. cit.*, p. 51.

pois poderia ser um agente de satã, com base nisso, não faltaram bodes expiatórios, supondo que os judeus e as feiticeiras seriam agentes do mal³¹; verifica-se que essa ideia se espalhou no meio social, portanto, um indivíduo acreditava que o outro poderia ser o agente do mal.

Dessa análise social, caminha-se para os reflexos e fatores geradores da cultura do medo na sociedade, destacando-se na Europa, no qual em seu processo de expansão por uma necessidade de comércio e a procura por riquezas, desenhando cartograficamente o mundo, este se amoldou como é hoje devido às expansões marítimas, dominações, revoluções e guerras; assim como, por fatores somados a cultura dos povos colonizadores e dominadores pelo Mundo Velho³² contribuíram para a imaginação coletiva das populações em relação ao medo. Não se pode esquecer, do processo de colonização dos continentes Africano, Asiático e Americano, marcado pela escravização dos povos e exploração de riquezas.³³

No Mundo Velho ainda havia o crédito em uma visão irreal e imaginária diante das lendas e superstições, como exemplo, a existência de dragões voadores, monstros dos mares, etc.; fazendo surgir na Europa um coletivo medo sobre o desconhecido. Algumas bizarrices foram sustentadas por séculos e algumas permanecem até hoje e assustam as pessoas.³⁴

O medo a partir daqui não provém do imaginário, mas de doenças trazidas do Novo Mundo³⁵ para a Europa que dizimavam nações europeias, esse poderia ser o principal medo. Ao final do século XV e início do século XVI, com as grandes navegações em direção a Ásia, a África e a América produziram um grande intercâmbio de enfermidades, entre elas, as responsáveis pela difusão do medo: febre amarela, cólera, sífilis e o escorbuto^{36, 37}.

³¹ *Ibidem*, p. 51-52.

³² Historicamente, considerada a Europa. Atualmente está em debate devido ao alto valor que se dava a cultura Europeia, etnocentrismo, que colocava em descrédito/desvalorização os elementos culturais de outros povos.

³³ SIQUEIRA, Giovanni. **Cultura do medo**. Módulo 02. Núcleo Integrado de Educação à Distância: Fundação Educacional Campograndense; Faculdades Integradas Campo-grandenses; Colégio de Aplicação Emmanuel Leontsinis. Campo Grande, 2013. Slides. 02-03.

³⁴ SIQUEIRA, *loc. cit.*

³⁵ O Novo Mundo é a consideração às terras exploradas dos continentes Asiático, Africano e Americano.

³⁶ Com as grandes navegações, a tripulação ficava a mercê do longo percurso dentro dos navios, com isso, a água e os alimentos se deterioravam e também a falta de higiene, causavam em muitos navegantes além de outras enfermidades, o Escorbuto conhecido pela falta de vitamina C no organismo; deixando-o propenso as infecções, principalmente na boca, gerando perda dos dentes.

Diante dessa mutação dos medos sociais, nos séculos seguintes, os grandes medos foram as grandes Revoluções Burguesas que acabavam por influenciar todo o mundo. Na Europa, destacam-se as Revoluções Industrial e Francesa, e na América: A unificação e independência dos Estados Unidos, independências das colônias espanholas e o Segundo Reinado no Brasil.³⁸

Todos esses movimentos ocorriam no mundo e influenciavam a cultura do medo, pois foram períodos de muitos conflitos que deixaram muitos mortos, feridos e miséria, sendo terreno fértil para o desenvolvimento do coletivo imaginário do medo e para a cultura do mesmo.³⁹

Diferente dos medos antigos, há a experiência do medo hoje, sendo abordados como mal-estares contemporâneos.⁴⁰ Segundo afirma Mezan, Freud um pensador que nas primeiras décadas do século XX se referiu aos mal-estares do seu tempo, destacou que os sofrimentos psíquicos se achavam inseridos e constituídos coletivamente, assim criavam-se indivíduos infelizes ao renunciar seus impulsos, desejos e fantasias para ter segurança de permanecer em uma sociedade.⁴¹

Em contraste com a época de Freud, aparecem na atualidade outras fontes de inquietação (e geradoras de medo social); com o tempo, a violência urbana, o consumo de drogas e outras pragas sociais se disseminam em grau que Freud jamais poderia ter previsto.⁴²

Assim, no século XX, as grandes responsáveis pela difusão da cultura medo foram as grandes guerras mundiais que geraram tensões e a corrida bélica entre os países; não há como negar, a ideologia dominadora de Hitler na Segunda Guerra Mundial que proliferou ainda mais o medo social, pois semeava a ideia de extermínio da diversidade étnica e exaltação da raça ariana, gerando medo entre os demais povos. A Guerra fria também ajudou a proliferar a cultura do medo diante de um temerário novo conflito mundial⁴³, que ainda permeia nos dias atuais.

O medo que assombra principalmente os Estados Unidos advém da possibilidade de nova investida terrorista, do qual se tem como exemplo, o ataque às

³⁷ SIQUEIRA, *op. cit.*, slide. 02-06 *passim*.

³⁸ *Ibidem*, slides. 07-11 *passim*.

³⁹ SIQUEIRA, *op. cit.*, slide. 07.

⁴⁰ SANTOS, *op. cit.* p. 52.

⁴¹ MEZAN *apud* SANTOS, *loc. cit.*

⁴² SANTOS, *op. cit.*, p. 52.

⁴³ SIQUEIRA, Giovanni. **Cultura do medo**. Módulo 03. Núcleo Integrado de Educação à Distância: Fundação Educacional Campograndense; Faculdades Integradas Campo-grandenses; Colégio de Aplicação Emmanuel Leontsinis. Campo Grande, 2013. Slides. 08-11 *passim*.

Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001⁴⁴, porém, essa cultura difundida pela mídia, com o propósito político-ideológico dos Estados Unidos, como reafirmação de poder no mercado mundial, provocando uma insegurança globalizada.

Assim, as “imagens do terror se alojaram na mente dos cidadãos de diversos países. A violência ganhou projeção de espetáculo em uma relação social intensa entre as pessoas, mediada por imagens de impacto.”⁴⁵

Atualmente, as sociedades coexistem com duas formas de medos, que dão sentido ao próprio temor, sendo os imaginários provenientes dos pequenos receios, que existiam anteriormente em grau menor, mas hoje se derivam das balas perdidas, das doenças⁴⁶, etc.; e a crença, baseada na tradição cultural, motivo preponderante de controle do pensar e do agir; assim, o ser humano hoje vive em um estado de medo e incerteza constante⁴⁷, como lembra Hobbes “o medo do outro é consciente.”⁴⁸

No Brasil, a cultura do medo foi difundida com a colonização dos meios: político, econômico e religioso; prevaleceu o ideário de elementos culturais europeus em detrimento, principalmente, das culturas indígena e africana. Assim, no decorrer do tempo, os medos sociais foram se aprimorando e tomando rumos diversificados, de acordo com a evolução da sociedade e de seus problemas caracterizados em cada momento histórico com a Revolta dos Malês na Bahia em 1835⁴⁹; a Era Vargas; o Golpe Militar de 1964⁵⁰; com Nova República a partir de 1985, o medo foi centralizado com a violência urbana.

A violência e globalização apresentam um quadro social em constante mudança, sem garantias, acabam por gerar um universo de insegurança e medo; sendo que na cultura ocidental, o individualismo e consumo são eleitos como valores pós-modernos, intensificando a ideia de desamparo do sujeito. Assim, as pessoas vivem em constante sistema de vigilância contínua e tentando se proteger com aparelhos tecnológicos e muros para ter mais segurança.⁵¹

⁴⁴ COUTO, *op. cit.*, p. 24-50 *passim*.

⁴⁵ DEBORD *apud* COUTO, *op. cit.*, p. 32.

⁴⁶ Atualmente propaladas pela mídia, como exemplo, o medo gerado no Brasil do Vírus H1N1.

⁴⁷ COUTO, *op. cit.*, p. 32.

⁴⁸ HOBBS *apud* COUTO, *op. cit.*, p. 32.

⁴⁹ Período citado por SIQUEIRA, Giovanni. **Cultura do medo**. Módulo 02. Núcleo Integrado de Educação à Distância: Fundação Educacional Campograndense; Faculdades Integradas Campograndenses; Colégio de Aplicação Emmanuel Leontsinis. Campo Grande, 2013. Slides. 01-02.

⁵⁰ Período destacado por SIQUEIRA, *op. cit.*, slides. 03-07 *passim*.

⁵¹ SANTOS, *op. cit.*, p. 53.

Percebe-se que os indivíduos da sociedade contemporânea estão domados pelo materialismo vulgar que é o poder e a ameaça da perda dos bens não naturais e não necessários. Dessa forma, o medo amparou-se nas ideias de interesses capitalistas de um consumismo exagerado e egoísta.⁵²

O medo expresso atualmente, faz surgir um mundo irreal e moldado pelo capitalismo moderno, ditado pelos padrões “rede globo”, ou seja, casas com sistemas avançados de segurança, carros blindados, passeios aos shoppings; por fim, tem-se o esvaziamento da infância e multiplicação dos medos perpetuados ao longo dos anos e passados por gerações.

Ou seja, o medo da violência expresso como emoção reflete não exclusivamente o medo desta, mas na perda dos bens materiais.⁵³

No Brasil existem múltiplos fatores que geram os temores , assim como em qualquer outro país, os medos são variados e com a mesma intensidade e reflexo emocionalmente, em específico, os indivíduos vivem atemorizados com furtos, roubos, bala perdida, arrastões, ataques ao meio de transporte coletivo urbano⁵⁴, exemplos, no Rio de Janeiro, São Paulo, Santa Catarina, Paraná.

Todos esses medos são decorrentes da incessante busca de segurança que nunca parece ser o suficiente para resolver os anseios sociais.⁵⁵

No sistema atual, a sociedade vive cercada pelo medo conforme destaca Mía Couto.

[...] Sem darmos conta, fomos convertidos em soldados de um exército sem nome, e como militares sem farda deixamos de questionar. Deixamos de fazer perguntas e de discutir razões. As questões de ética são esquecidas porque está provada a barbaridade dos outros. E porque estamos em guerra, não temos que fazer prova de coerência, nem de ética e nem de legalidade. É sintomático que a única construção humana que pode ser vista do espaço seja uma muralha. **A chamada Grande Muralha foi erguida para proteger a China das guerras e das invasões.** A Muralha não evitou conflitos nem parou os invasores. Possivelmente, morreram mais chineses construindo a Muralha do que vítimas das invasões que realmente aconteceram. Diz-se que alguns dos trabalhadores que morreram foram emparedados na sua própria construção. [...] **Mas não há hoje no mundo, muro que separe os que têm medo dos que não têm medo. Sob as mesmas nuvens cinzentas vivemos todos nós do sul e do norte, do ocidente e do oriente. Citarei Eduardo Galeano a cerca disto, que é o medo global: “Os que trabalham têm medo de perder o trabalho. Os que não trabalham têm medo de nunca encontrar trabalho. Quando**

⁵² COUTO, *op. cit.*, p. 32

⁵³ Cf. COUTO, *op. cit.*, p. 23-54 *passim*.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 33.

⁵⁵ COUTO, *loc. cit.*

não têm medo da fome, têm medo da comida. Os civis têm medo dos militares, os militares têm medo da falta de armas, as armas têm medo da falta de guerras". E, se calhar, acrescento agora eu, há quem tenha medo que o medo acabe!⁵⁶ (Grifo da autora).

Sustenta Barry Glassner que o medo do crime está unido ao indivíduo desde a infância nas primeiras histórias infantis que trabalham como nenhum outro meio de comunicação com essa sensibilidade; desse momento em diante a expressão de medo evoluiu rapidamente. Ainda, no mundo ocidental as pessoas nascem e crescem inseridas na cultura do medo.⁵⁷

O mesmo autor destaca que é no discurso público que os medos se multiplicam por meio de um processo de troca, ou melhor, essa cultura do medo cresce de acordo com os temores e contratemores.⁵⁸

Enfatiza Débora Regina Pastana, que a cultura do medo é o retrato da estrutura de dominação dos grupos (dominadores *versus* dominados) sobre a concepção de criminalidade e segurança pública.⁵⁹

Como salientou Barry Glassner, o ser humano desde o nascimento é aprisionado pelo medo⁶⁰; no atual momento, o medo e a vingança são despertados pela pressão midiática associada ao espetáculo⁶¹ da notícia mercadológica e a redução do indivíduo que descumpra os padrões legais e morais, a mera coisa.

Entre as diversas instituições com mais responsabilidade em difundir o pânico, inquestionavelmente, um dos primeiros lugares é ocupado pela imprensa. Nesse sentido, os jornalistas⁶² só propagam o medo e criticam uns aos outros para atemorizar o público.⁶³

⁵⁶ COUTO, Mia. **Conferência do Estoril 2011: murar o medo**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=jACccaTogxE>>. Acesso em: 11 ago. 2012. p. 01. Tradução de PIMENTEL, Luiz Alberto. **Murar o medo**. Disponível em: <<http://docente.ifrn.edu.br/luizpimentel/disciplinas/murar-o-medo-mia-couto/view>>. Acesso em: 11 ago. 2012. p. 01-03 *passim*.

⁵⁷ PINHEIRO, Paulo Sérgio. Medo em todo lugar e em lugar nenhum (prefácio). In: GLASSNER, Barry. **Cultura do Medo**. São Paulo: Francis, 2003. p. 11.

⁵⁸ GLASSNER, Barry. Introdução: por que tememos cada vez mais o que deveríamos temer cada vez menos. In: _____. **Cultura do Medo**. São Paulo: Francis, 2003. p. 39.

⁵⁹ PASTANA, Débora Regina. Cultura do medo e democracia: um paradoxo brasileiro. In: _____. **Cultura do medo: reflexões sobre violência criminal, controle social e cidadania no Brasil**. São Paulo: Método, 2003. p. 94.

⁶⁰ PINHEIRO, *op. cit.*, p. 11.

⁶¹ Termo utilizado por GOMES, Luiz Flávio. **O espetáculo do populismo penal midiático**. Disponível em: <<http://www.ipclfg.com.br/artigos-do-prof-lfg/o-espetaculo-do-populismo-penal-midiatico/>>. Acesso em: 14 ago. 2012. p. 01-02.

⁶² Faz referência aos jornalistas sensacionalistas.

⁶³ GLASSNER, *op. cit.*, p. 33.

Barry Glassner ainda adverte em seu livro sobre os medos fabricados e cultivados em consonância com a cultura, ao ponto de se tornar objeto do capitalismo e da imprensa.⁶⁴

A cultura do medo é globalizada. E a mídia tem o papel de difundir esta cultura para o mundo, ajudando a criar um imaginário sobre o medo. Vivemos em uma época que nunca antes estivemos mais seguros do nosso futuro, do nosso presente. Mas mesmo assim o medo ainda é parte de nossas vidas de uma maneira desproporcional. A mídia e a opinião pública retro alimentam o sistema que difunde a cultura do medo.⁶⁵

A banalização da violência por meio das mídias é um grande exemplo que se obtém para desmistificar a confusão entre medo e violência. Nos últimos anos, a sociedade brasileira foi chocada pelo sensacionalismo, com casos como de Isabela Nardoni (2008), Tribunal do crime organizado (24 de maio de 2008), Goleiro Bruno (2013), entre outros. Assim, violência não é sinônimo de medo e vice-versa; o medo diz respeito a emoções, a violência é ato e ação.⁶⁶

A cada época surge uma ameaça ou perigo novo por meio de um discurso político ou midiático que causará medo na sociedade. Entender o medo através da naturalização do seu discurso e as suas consequências estéticas, entra pelos olhos no cotidiano da cidade, transformando sua arquitetura,⁶⁷ e conseqüentemente, em uma verdadeira muralha da China.

Contemporaneamente, busca-se uma proteção contra o delito, que se torna obsessão e produto rentável para uma mídia sensacionalista; os valores legitimados pela sociedade que resultam da cultura do medo, surgindo pesquisas de opinião e manchetes sensacionalistas, comportamentos segregados, políticas públicas autoritárias.⁶⁸

A mídia tem utilizado mecanismos – “atrativos” – para fomentar o medo. Ou melhor, explora os fatos ocorridos no cotidiano em prol do aterrorizamento da sociedade com comentários, muitas das vezes inescrupulosos, com o

⁶⁴ PINHEIRO, *op. cit.*, p. 11-18 *passim*.

⁶⁵ SIQUEIRA, Giovanni. **Cultura do medo**. Módulo 01. Núcleo Integrado de Educação à Distância: Fundação Educacional Campograndense; Faculdades Integradas Campo-grandenses; Colégio de Aplicação Emmanuel Leontsinis. Campo Grande, 2013. Slides. 17.

⁶⁶ COUTO, Cyro Augusto Pachicoski. Introdução. In: _____. **Do crime ao caos: a comunicação a serviço do medo**. São Paulo: Cia dos Livros, 2011. p. 07.

⁶⁷ BATISTA, Vera Malaguti. Você tem medo do que? **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, v. 53, n. 13, p. 367-378, mar.- abr. 2005.

⁶⁸ PASTANA, Débora Regina. Medo e opinião pública no Brasil contemporâneo. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 12, n. 22, p. 109, 2007. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/350>>. Acesso em: 16 mar. 2013.

objetivo de “manipular a informação” com vistas a fomentar a aplicação do Direito Penal do Medo. [...] Assim, os meios de comunicação de massa “vendem” o crime como um produto de grande rentabilidade, causando o aumento dos medos e, conseqüentemente (*sic*), o nascimento do clamor popular pelo recrudescimento da intervenção punitiva.⁶⁹

O medo propalado pela mídia ainda causa grande comercialização de produtos de seguranças, como enclaves fortificados, privatizados, fechados e monitorados, destinados à residência, lazer, trabalho e consumo. Podem ser *shopping centers*, conjuntos comerciais e empresariais, ou condomínios residenciais, criando nas cidades uma arquitetura do medo.⁷⁰

Segundo Barry Glassner, é necessário que os medos supervalorizados dos seres humanos sejam colocados em dúvida antes que eles os destruam; muitas vezes, os medos válidos tem razão de ser devido aos perigos; assim, os medos falsos e exagerados causam apenas apuro. Assim, as preocupações sobre perigos reais, quando extrapoladas causam estragos significativos.⁷¹

Dessa forma, é notório que os efeitos da insegurança gerada pela criminalidade refletem numa cultura do medo, sendo que a utilização exagerada e ilimitada das histórias que envolvam a violência, propalando o medo social em várias instâncias sociais; assim, os indivíduos baseados nas informações enlatadas e repassadas pelos veículos informativos, vivem aprisionados em um contexto de medo. Haverá, posteriormente, inseridos no meio sociocultural, indivíduos reféns dos próprios temores ao edificar a cultura no medo e na violência.⁷²

Na concepção de Débora Regina Pastana, a imprensa (empresa) possui grande responsabilidade na estigmatização e segregação espacial-social do envolvido no sistema penal, pois o processo de produção da (in)formação não reflete a realidade, mas destaca intensivamente eventos sem importância ao dia a dia do

⁶⁹ GALO, Janaina Soares; ANDRADE, Vanessa Faullame. Tiros em Columbine (Bouling for Columbine). **Revista Liberdades**, São Paulo, p. 142-143, dez. 2011 (Edição especial). Disponível em: <http://www.ibccrim.org.br/novo/revista_liberdades_indice/10-Revista-Liberdades-Edicao-Especial---Dezembro-de-2011>. Acesso em: 22 fev. 2013.

⁷⁰ CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. Introdução. In: _____. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 34. ed. São Paulo: Edusp, 2000. p. 12.

⁷¹ GLASSNER, *op. cit.*, p. 24-25.

⁷² *Ibidem*, p. 51.

indivíduo, dando margem ao imaginário da sociedade sobre a criminalidade e a segurança pública.⁷³

Em suma, o medo sempre existiu na história da humanidade, apenas se aprimorou no tempo e no espaço; por fim, tomou contornos sociais resultando na cultura do medo, atualmente utilizado pela mídia sensacionalista⁷⁴.

Essas informações, citações, inferências e o próprio tema elucidam por meio de uma catarse (depuração de ideias) que o medo é um sofisma criado como instrumento aliciador, dominador, produtor de interesse escuso, utilizado por uma mídia sensacionalista e capitalista que adentrou por meio da ambição do ser humano: O ter é um subterfúgio para não ser excluído e manter-se seguro dentro de uma sociedade, não é o medo em si que dá medo nem o medo da violência, mas o medo da perda das benesses do consumo amplamente divulgado pela mídia financiada pelas grandes empresas que fornecem produtos que anestesiaram a dor da insegurança, da exclusão socioeconômica, das psicoses causadas pela soma de valores efêmeros, expostos ao ter e não a questão de serem sujeitos de reflexão⁷⁵.

Durante toda a história, pode-se notar que a cultura do medo criou espaços e indivíduos isolados, por exemplo, desde a Idade Média com o medo dos agentes do mal, surgia uma comunidade excludente, receada e fechada ao pensar que tudo poderia oferecer um risco, evoluindo para as muralhas urbanas com a utilização de parafernalias tecnológicas que apenas geram cidadãos conformados e inertes quando se deparam com os problemas sociais primários, como a educação, saúde, cultura, etc., haja vista que a sua principal preocupação é manter-se no estado de segurança.

CONCLUSÃO

⁷³ PASTANA, Débora Regina. **Medo, controle e segregação espacial:** reflexões sobre a configuração urbana da cidade de São Paulo no atual estágio da modernidade. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=baixar%20cultura%20do%20medo%20-%20reflex%C3%B5es%20sobre%20viol%C3%Aancia%20criminal%2C%20controle%20social%20e%20cidadania%20no%20brasil&source=web&cd=20&ved=0CF4QFjAJOAo&url=http%3A%2F%2Fwww.periodicos.ufes.br%2FNSNPGCS%2Farticle%2Fdownload%2F1576%2F1172&ei=61wqUNLhNqXi0QHw44DwDA&usg=AFQjCNFuE9LipEYIjYszd2OioX8OkXYhLA&cad=rja>>. Acesso em: 14 ago. 2012. p. 09.

⁷⁴ SANTOS, Amany Maria de Karla Rovani. **A influência informativa e formativa do populismo penal midiático:** a cultura do medo como fonte de alterações legislativas e o aumento da repressão penal. 189 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – FACNOPAR – Faculdade do Norte Novo de Apucarana, Apucarana, 2013.

⁷⁵ SANTOS, *op. cit.*, p. 98.

Ao analisar o referido trabalho após inferências e citações, é possível concluir que os reflexos da cultura do medo são a segregação do espaço urbano, esvaziamento da cidadania, da democracia e da solidariedade; pois os seres humanos envolvidos nesse contexto de medo, possuem a tendência ao isolamento e a promoção do egoísmo que multiplica a criminalidade ao deixar de investir em setores principais (educação, por exemplo) para a infância e a juventude, e reverter forças de trabalho, física e emocional para evitar a entrada de um estranho (marginalizado – aqueles mencionados no artigo 1º da Carta Maior) em suas residências e evitar a perda das benesses materiais.

Ao invés da erradicação da pobreza (material e intelectual) por meio de uma comunidade ativa (aquela que exerce plenamente a cidadania e visa incluir os excluídos, longe dos medos legislativos e processualistas), prefere-se o comodismo da muralha formada em casa para perpetuar o efêmero estado de segurança pessoal e familiar. Esquece-se que os problemas relacionados à segurança podem ser solucionados através dessa comunidade que é capaz de promover mudança no âmbito social e espacial, com a finalidade de preencher o espaço público que fora esvaziado pela cultura do medo, bem como, evitar o ostracismo social.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Vera Malaguti. Você tem medo do que? **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, v. 53, n. 13, p. 367-378, mar.- abr. 2005.

BRAGA, Pedro. A sociedade do risco e o direito penal. **Revista de Informação Legislativa**, Brasília, v. 42, n. 168, p. 155-166 *passim*, out. – dez. 2005. Disponível em: <<https://bvc.cgu.gov.br/handle/123456789/3226>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. Introdução. In: _____. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 34. ed. São Paulo: Edusp, 2000. p. 12.

COUTO, Cyro Augusto Pachicoski. Introdução. In: _____. **Do crime ao caos: a comunicação a serviço do medo**. São Paulo: Cia dos Livros, 2011.

_____. Cultura do medo. In: _____. **Do crime ao caos: a comunicação a serviço do medo**. São Paulo: Cia dos Livros, 2011.

COUTO, Mia. **Conferência do Estoril 2011: murar o medo**. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=jACccaTogxE>>. Acesso em: 11 ago. 2012. p. 01. Tradução de PIMENTEL, Luiz Alberto. **Murar o medo**. Disponível em:

<<http://docente.ifrn.edu.br/luizpimentel/disciplinas/murar-o-medo-mia-couto/view>>. Acesso em: 11 ago. 2012.

GALO, Janaina Soares; ANDRADE, Vanessa Faullame. Tiros em Columbine (Bouling for Columbine). **Revista Liberdades**, São Paulo, p. 139-143, dez. 2011 (Edição especial). Disponível em: <http://www.ibccrim.org.br/novo/revista_liberdades_indice/10-Revista-Liberdades-Edicao-Especial---Dezembro-de-2011>. Acesso em: 22 fev. 2013.

GLASSNER, Barry. Introdução: por que tememos cada vez mais o que deveríamos temer cada vez menos. In: _____. **Cultura do Medo**. São Paulo: Francis, 2003.

GRANDE ENCICLOPÉDIA LAUROUSSE CULTURAL. **Cultura**. Volume 34. São Paulo: Universo LTDA., 1988. p. 952. Verbete.

_____. **Medo**. Volume 77. São Paulo: Universo LTDA., 1988. p. 2156. Verbete.

GRECO, Rogério. Abolicionismo, direito penal do inimigo e movimento lei e ordem. In: _____. **Direito penal do equilíbrio**. 4. ed., rev., ampl., atual. Rio de Janeiro: Impetus, 2009.

GOMES, Luiz Flávio. **O espetáculo do populismo penal midiático**. Disponível em: <<http://www.ipclfg.com.br/artigos-do-prof-lfg/o-espetaculo-do-populismo-penal-midiatico/>>. Acesso em: 14 ago. 2012.

LARAIA, Roque de Barros. Como opera a cultura. In: _____. **Cultura: um conceito antropológico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

KOGUT, César Vinicius; SILVA, Wânia Rezende. Mídia e seus efeitos sobre o medo social. In: PEIXE, Blênio César Severo, HILGEMBERG, Cleise M. de A. Tupich; MELATTI, Gerson Antonio *et. al.* **Gestão de políticas públicas no Paraná: coletânea de estudos. Volume 1**. Curitiba: Editora Progressiva, 2008. p. 277. Disponível em: <<http://www.escoladegoverno.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=493>>. Acesso em: 18 mar. 2013.

MELO, Eunice Maria das Dôres Vaz de. Reflexões sobre a cultura do medo: um retrato do desenvolvimento da violência urbana na atualidade. **Revista Tecer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 74, dez. 2008.

_____. Cultura do medo e democracia: um paradoxo brasileiro. In: _____. **Cultura do medo: reflexões sobre violência criminal, controle social e cidadania no Brasil**. São Paulo: Método, 2003.

_____. **Re: Materiais para pesquisa - aluna do 9º semestre de direito da faculdade do norte novo de Apucarana/PR**. [mensagem pessoal] Mensagem recebida por amanyrovani@hotmail.com. em 11 mar. 2013.

_____. Medo e opinião pública no Brasil contemporâneo. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 12, n. 22, p. 109, 2007. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/350>>. Acesso em: 16 mar. 2013.

_____. **Medo, controle e segregação espacial**: reflexões sobre a configuração urbana da cidade de São Paulo no atual estágio da modernidade. Disponível em: <<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=baixar%20cultura%20do%20medo%20-%20reflex%C3%B5es%20sobre%20viol%C3%Aancia%20criminal%2C%20controle%20social%20e%20cidadania%20no%20brasil&source=web&cd=20&ved=0CF4QFjAJOAo&url=http%3A%2F%2Fwww.periodicos.ufes.br%2FSNPGCS%2Farticle%2Fdownload%2F1576%2F1172&ei=61wqUNLhNqXi0QHw44DwDA&usg=AFQjCNFuE9LipEYIjYszd2Oi0x8OkXYhLA&cad=rja>>. Acesso em: 14 ago. 2012. p. 09.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. Medo em todo lugar e em lugar nenhum (prefácio). In: GLASSNER, Barry. **Cultura do Medo**. São Paulo: Francis, 2003.

R7. **Brasileiro já assiste TV durante 5 horas e meia por dia, diz ibope**. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/blogs/daniel-castro/brasileiro-ja-assiste-tv-durante-5-horas-e-meia-por-dia-diz-ibope/2012/01/23/>>. Acesso em: 17 jan. 2013.

SANTOS JUNIOR, Lourival Luiz dos. **A decadência do espaço urbano**: o medo, a segurança eletrônica e seus reflexos sócio-espaciais. Disponível em: <<http://xiisimpurb2011.com.br/app/web/arq/trabalhos/7602e8a48f9f40c8cc5772c87860cc43.pdf>>. Acesso em: 16 mar. 2013.

SANTOS, Luciana Oliveira dos. O medo contemporâneo: abordando suas diferentes dimensões. **Psicologia, ciência e profissão**, Brasília, v. 23, n. 2, p. 48, jun. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1414-98932003000200008&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 mar. 2013.

SANTOS, Amany Maria de Karla Rovani. **A influência informativa e formativa do populismo penal midiático**: a cultura do medo como fonte de alterações legislativas e o aumento da repressão penal. 189 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – FACNOPAR – Faculdade do Norte Novo de Apucarana, Apucarana, 2013.

SIQUEIRA, Giovanni. **Cultura do medo**. Módulo 01. Núcleo Integrado de Educação à Distância: Fundação Educacional Campograndense; Faculdades Integradas Campo-grandenses; Colégio de Aplicação Emmanuel Leontsinis. Campo Grande, 2013. Slides. 17.

_____. **Cultura do medo**. Módulo 02. Núcleo Integrado de Educação à Distância: Fundação Educacional Campograndense; Faculdades Integradas Campo-grandenses; Colégio de Aplicação Emmanuel Leontsinis. Campo Grande, 2013. Slides. 02-03.

_____. **Cultura do medo**. Módulo 03. Núcleo Integrado de Educação à Distância: Fundação Educacional Campograndense; Faculdades Integradas Campo-

grandenses; Colégio de Aplicação Emmanuel Leontsinis. Campo Grande, 2013.
Slides. 08-11.